

A Nave dos Loucos

A José Alberto Gil, com muita Saudade

Ignorando de onde, com quem e para onde
uma nau cruza o oceano ignoto
Por pendão um remoinho de línguas de fogo
nas velas um incêndio jamais extinto

A bordo vai Todo o Mundo e Ninguém
animais, deuses e homens de sexo indefinido
Sem tempo consomem os dias
em missas, danças e riso
coisas santas porque inúteis
discursos sábios sem juízo

As populações da costa temem-na,
mas diz-se que a terra canta quando passa
e as colheitas logo superabundam
Também as mulheres se tornam mais fecundas
e concebem filhos que não choram:
os que súbito não desaparecerem
morrerão infantes ou envelhecerão poetas.

Se uma trompa entre brumas a anuncia
e em chamas no horizonte a avistam,
os homens entregam às vagas peças de ouro
pão, frutos e flores
as mais velhas garrafas de vinho

Nas igrejas os sinos repicam
os padres proferem sermões inspirados
mas há sempre algo de estranho:
um vitral que em silêncio explode
amantes beijando-se quando a Hóstia é consagrada
imagens tombando na direcção anunciada

Por isso todos se benzem
e intimamente a esconjuram,
a longínqua nau que jamais de terra se aproxima
e insondável segue a sua infinda Viagem,
sem leme nem bússola nem capitão
sem mapa, rota ou razão

Murmuram os loucos e os vagamundos
ouvidos extasiados na sibilina voz do Vento
que a bordo é sempre Domingo de Pentecostes
e numa eterna Folia bailam os inocentes do Senhor,
os eleitos do Profundo:
Todo o Mundo e Ninguém